

## Ensaio

# O personagem Eduardo Coutinho

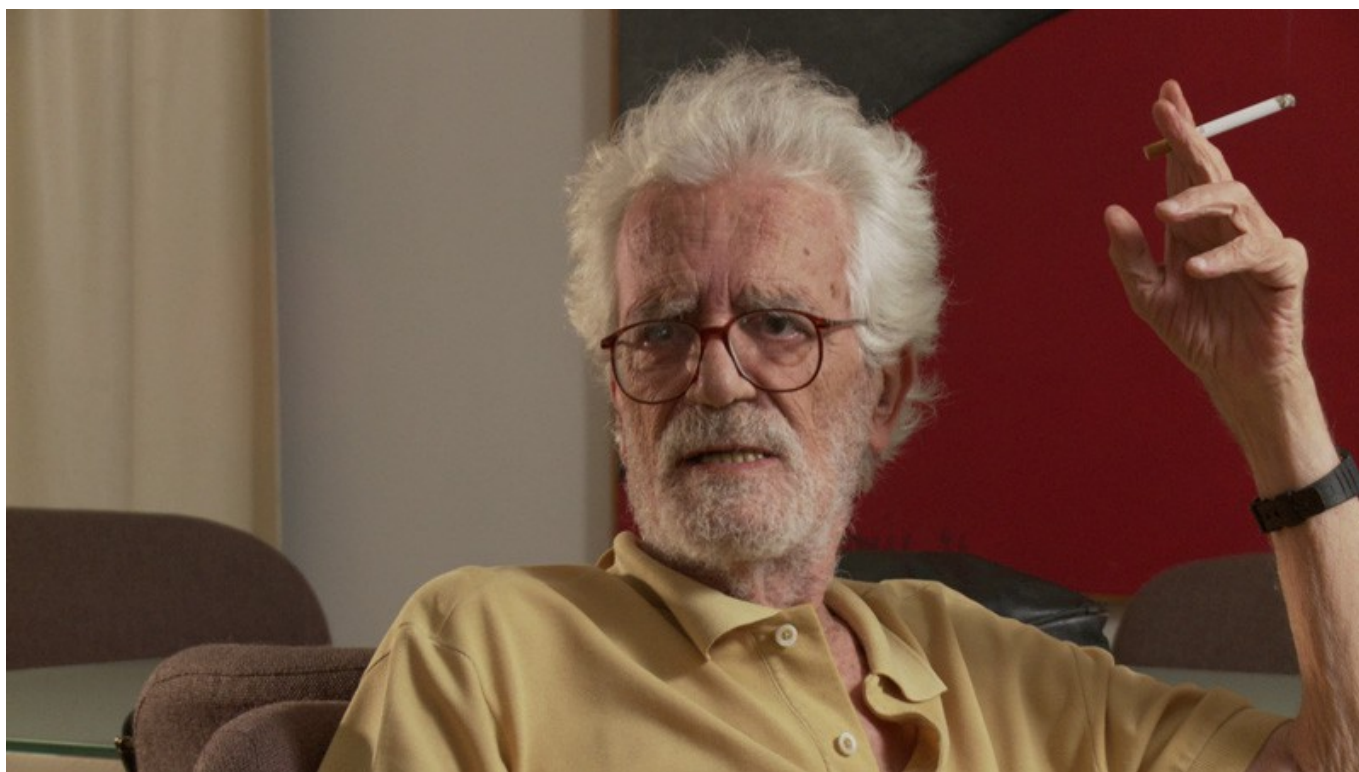
Eduardo Vilela Thielen <sup>a</sup> [eduardo.thielen@icict.fiocruz.br](mailto:eduardo.thielen@icict.fiocruz.br)

<sup>a</sup> Fundação Oswaldo Cruz – Instituto de Comunicação e Informação Científica (ICICT/Fiocruz) Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: 10.3395/reciis.v8i1.909pt

Submetido: 1/Mar/2014

Aceito: 21/Mar/2014



A morte trágica do cineasta Eduardo Coutinho o colocou nas primeiras páginas da nossa imprensa. Além das inevitáveis reportagens policiais, depoimentos, cronologias, resenhas e análises sobre o homem e sua obra apareceram nos principais órgãos da mídia. Conhecido por criar personagens com pessoas comuns, foi ele próprio um personagem cinematográfico.

Sua paixão pelo cinema o levou a responder perguntas sobre Charles Chaplin em um programa televisivo no final dos anos 1950, ganhando recursos para viajar à Europa, onde cursou a escola de cinema IDHEC em Paris e diplomou-se em direção e montagem.

De volta ao Brasil, participou de algumas produções com diretores do Cinema Novo e, viajando pelo Nordeste em uma caravana da UNE, resolveu filmar a história do assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira, com sua viúva Elizabeth Teixeira e outros camponeses representando seus próprios personagens. As filmagens foram interrompidas pelo golpe de 1964 e Coutinho foi preso. Os negativos filmados, enviados para revelação no Rio de Janeiro, foram salvos e guardados por amigos.

Até o início dos anos 1980, trabalhou como roteirista de importantes filmes nacionais, crítico cinematográfico e jornalista televisivo no Globo Repórter, no qual dirigiu seis documentários. Voltou então ao Nordeste para investigar o destino dos camponeses que havia filmado e retomou as filmagens, buscando o paradeiro de seus personagens, que aparecem com um intervalo de duas décadas, ressaltando o papel fundamental da memória e dos caminhos do destino, retratando as mudanças e permanências ocorridas no período dos governos ditatoriais. *Cabra Marcado para Morrer* estreou em 1984 e se

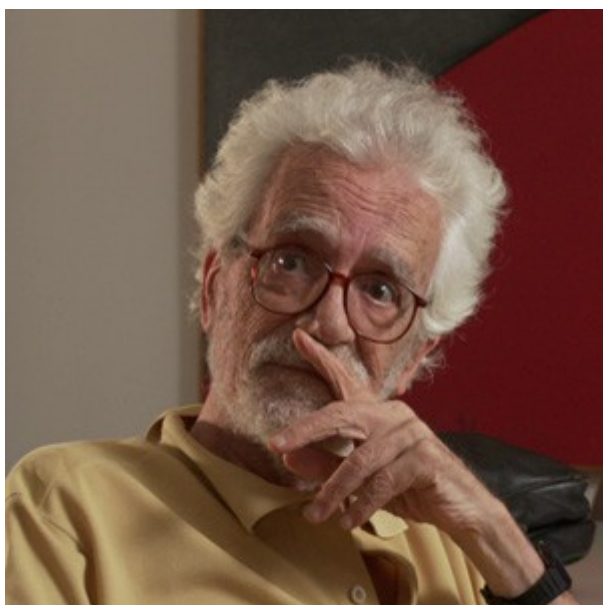
transformou em um marco do cinema documentário, ganhando mais de uma dezena de prêmios em festivais internacionais e recebendo críticas elogiosas nos principais órgãos da imprensa mundial.

A partir daí, juntamente com o desenvolvimento da obra cada vez mais aprofundada em um caminho que muitos qualificam como próprio, afirmou-se outro lado notável do personagem Eduardo Coutinho: suas intervenções públicas através de entrevistas, participação em debates, cursos, quase sempre tendo como tema o cinema e, especialmente, a reflexão sobre seu trabalho como documentarista.

Algumas frases pinçadas dessas intervenções: “Foi o som direto que me levou para o documentário”; “O que eu sou eu não falo, eu não sei o que eu sou”; “Não faço outra coisa a não ser conversar com as pessoas”; “As pessoas contam as coisas para dar sentido às suas vidas, para se legitimar”; “Toda história tem um elemento ficcional muito forte”; “Só pergunto sobre os temas que são básicos na vida: origem, família, amor, sexo, casamento ou não, dinheiro, trabalho, religião, morte”.

Coutinho construiu um método de trabalho próprio. Sua equipe gravava entrevistas com depoentes que se apresentavam a partir de um argumento. Desse material, ele selecionava os entrevistados e suas histórias. Passava então à gravação de conversas com pessoas que ainda não conhecia pessoalmente. Aqui aparecia um dos seus grandes talentos, resultado do profundo respeito que nutria pelas pessoas comuns e suas histórias. Passava então à fase em que mais despendia tempo, a seleção dos trechos gravados a serem utilizados e sua estruturação em copiões que eram vistos, revistos, discutidos e modificados, até atingir a forma definitiva do filme. Pouco destacada por seus comentadores, sua maestria na estrutura de montagem da narrativa fílmica era admirável.

Um pequeno exemplo é o personagem do *Edifício Master*, de 2002, que conheceu Frank Sinatra e canta cheio de emoção *My way*, chora e diz que acabou. Perguntado por que não o havia colocado no final do filme, respondeu que isso transformaria o filme em um melodrama, e que esse não era o caso.



Coutinho era de uma generosidade ímpar. Após conhecê-lo pessoalmente como professor no curso Direção de Documentários, ministrado na Fundação Progresso, onde projetou e discutiu seus filmes e relatou suas experiências de trabalho, concedeu consultoria para o documentário *Oswaldo Cruz na Amazônia*, Selo Fiocruz Vídeo - 2002, dirigido por Eduardo Thielen e Stella Penido. Anos antes, ele havia pesquisado para fazer um filme sobre a saga da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Coutinho nos passou toda a bibliografia que havia reunido e discutiu conosco os vários copiões que montávamos. Sua principal contribuição foram os conselhos sobre a estrutura da narrativa do filme, entre eles a sugestão de só colocar no final as informações sobre a desativação da ferrovia pelos militares nos anos 1970 e as filmagens sobre a paralisação do pequeno trecho que ainda operava turisticamente nas proximidades de Porto Velho, criando assim um efeito dramático sobre o descaso dos governos com aquelas populações.

Coutinho considerava que os festivais de cinema não deveriam dividir os prêmios entre documentário e ficção. Neste sentido, *Jogo de Cena*, de 2007, é um marco. Mesclando depoimentos de mulheres comuns com atrizes recontando essas histórias, promoveu uma das melhores reflexões já realizadas sobre a verdade e a realidade no cinema. Sabemos tratar-se de encenação teatral quando aparecem atrizes famosas recontando histórias apresentadas por mulheres desconhecidas. Essas atrizes conhecidas também contam suas próprias histórias e falam sobre as dificuldades de interpretar personagens reais. Mas quando as atrizes não conhecidas encenam as histórias de mulheres reais, não há como distingui-las.

No início do último ano da sua vida, Eduardo Coutinho concedeu entrevista para o professor Roberto Franke, parte de um projeto em que entrevistou documentaristas do Brasil e da Alemanha que trabalharam temas de saúde e meio ambiente, de onde foram retirados os fotogramas aqui reproduzidos. Coutinho nunca trabalhou diretamente com esses temas, mas seu objeto principal de reflexão – as relações humanas e as emoções nelas envolvidas – o aproximaram do universo da saúde mental em *O Fio da Memória*, de 1991, e do meio ambiente em *Boca de Lixo*, de 1992. No primeiro, ele encontrou no personagem que construiu a Casa da Flor, em São Pedro da Aldeia, um negro analfabeto trabalhador de salina, o eixo para falar do centenário da abolição da escravidão. No segundo, ao retratar os catadores do lixo de Gramacho, aprendeu que não se deve abordar as pessoas com ideias preconcebidas, deixando a valorização ou não da realidade das suas vidas a critério delas mesmas.

Coutinho não se interessava pelas pessoas famosas. Por ocasião da campanha presidencial de 2002, o documentarista João Moreira Salles o convidou para trabalharem juntos acompanhando o candidato Lula. Coutinho declinou e optou por buscar os companheiros de Lula nas greves sindicais dos metalúrgicos no ABC paulista, mais de vinte anos antes. Os filmes foram lançados conjuntamente, em 2004: *Entreatos*, de João Salles, acompanhou os bastidores do candidato Lula na sua vitoriosa campanha à presidência; *Peões*, de Coutinho, gravou depoimentos de vários ex-companheiros de Lula, encontrando destinos os mais variados, mas todos orgulhosos com a possibilidade do ex-metalúrgico tornar-se presidente da República.

Um aspecto que deve ser ressaltado é a postura ética que Coutinho professava em seu trabalho. Ciente do poder do cinema de promover positiva ou negativamente seus personagens, ele os respeitava não apenas no momento das gravações, em que procurava estabelecer uma relação de igualdade, mas também na fase de finalização, quando lhes mostrava o resultado e ouvia suas opiniões. Um exemplo emblemático ocorreu quando da produção do seu último filme *As Canções*, de 2011, no qual os personagens relatam suas histórias e cantam músicas que mudaram suas vidas. Na gravação da entrevista, um deles contou uma história que envolvia uma paternidade não verdadeira. Fascinado com o relato, Coutinho lhe perguntou se havia contado esse segredo para todos os familiares envolvidos. Frente à resposta negativa, ele não incluiu o depoimento no filme.

Com *O Fim e o Princípio*, de 2005, Coutinho voltou a filmar no Nordeste, palco dos seus primeiros documentários. Gostava de destacar que seu título era invertido, o fim antes do princípio. Modificou seu método de trabalho: sem pesquisa prévia, sem locações e sem temas definidos, chegou ao sertão da Paraíba em busca de pessoas que tivessem histórias para contar. Acabou retratando idosos de uma comunidade familiar e refletindo sobre a condição da velhice. No final do filme, ao retornar à casa de um dos personagens para se despedir, este lhe exclama: “Mas é bom conversar com uma pessoa sabida!”



O personagem Eduardo Coutinho está presente não apenas na sua importante obra de documentarista, mas também na sua frequente intervenção pública, refletindo sobre seu ofício e seu tempo. Sua morte não o transformou num personagem trágico, ao contrário, sua afirmação de viver sem utopias e com a constante expectativa de encontrar a alegria e a tristeza da vida nas coisas comuns fez dele um personagem essencial do cinema brasileiro e mundial.